

EUCARISTIAS De 31 de janeiro a 6 de fevereiro 2022

DIAS	HORA	LOCAL	INTENÇÕES
Segunda	18h 00	Ribeira Seca	José Bernardo de Sequeira (7º Dia)
Terça	17h 30	Biscoitos	Pelas Almas do Purgatório
Quarta	19h 00	Ribeira Seca	Mará Carmélia Ávila Ribeiro (Mês)
Sexta	18h00	Ribeira Seca	António Bento Borges (7º Dia)
Sábado	17h00	Rib^a do Nabo - Portal - Er.^{da} S.^{to} António - Ribeira d'Areia	
	18h00	Velas - Fajã dos Vimes	
Domingo	10h00	Manadas	
	10h30	Norte Pequeno - Beira	
	11h00	Biscoitos	
	11h30	Norte Grande - Velas	
	12h00	Calheta - Ribeira Seca	
	12h30	Santo António - Urzelina	

PENSAMENTO DA SEMANA

A grandeza do ser humano, a sua verdadeira riqueza, não está naquilo que se vê, mas naquilo que traz no coração.

A grandeza do homem não lhe advém do lugar que ocupa na sociedade, nem do papel que nela desempenha, nem do seu êxito social. Tudo isso pode ser-lhe tirado de um dia para o outro. Tudo isso pode desaparecer num nada de tempo.

A grandeza do homem está naquilo que lhe resta precisamente quando tudo o que lhe dava algum brilho exterior, se apaga. E que lhe resta? Os seus recursos interiores e nada mais.



Etty Hillesum

ZONA PASTORAL CENTRO

Beira - Calheta - Manadas - Norte Grande - Norte Pequeno - Ribeira Seca - Stº António - Urzelina - Velas

Pe. Manuel Santos Teles. 295416484 Telm. 917633096 e-mail: padrema@mail.telepac.pt

Pe. António Azevedo Telef. 295414152 Telm. 918996189

Pe. Alexandre Medeiros Telef. 295416671 Telm. 926650057 e-mail: padrecorvo@gmail.com

Pe. João Paulo Farias Telm. 911058412 e-mail: joao-paulo-farias@hotmail.com

Carta Familiar

BOLETIM INTERPAROQUIAL ANO XXI SERIE II Nº 1034 30.01.2022

Mãos de Deus

Precisamos de mãos! Precisamos de mãos construtoras. De mãos trabalhadoras. E de mãos sanadoras. As mãos são divinas. E nós não lhe damos o devido valor...



Se desfolharmos a Sagrada Escritura, nomeadamente no Novo Testamento, ficamos sempre muito maravilhados com a multiplicação dos pães, a água transformada em vinho, e por aí fora. E é bom que nos maravilhemos.

Jesus vem e cura os doentes. São curados casos que só com um milagre tal seria possível. Nós maravilhamo-nos. E bem.

Mas, estaremos a contemplar o acontecimento no seu todo? Não. Não estamos... Caso estivéssemos veríamos que o primeiro grande milagre de Jesus é o Amor.

Ele chega, vê, toca. Toca naqueles, e naquelas, que precisavam verdadeiramente de ser tocados. Naqueles, e naquelas, que querem ser tocados. Só depois cura.

Primeiro Ele toca. Toca a alma. E aquele que é tocado sente-se vivo novamente. Porque Jesus o viu. A ele, ou a ela, a quem a sociedade marginaliza. A ele, ou a ela, a quem a comunidade repudia pela sua doença.

E Jesus vem, e toca-lhes. Devolve-lhes a sua dignidade de pessoa. A nós faltamos isto. Tocar. Ser curadores como o Senhor o foi.

Precisamos de mãos. Das nossas e das dos outros. Precisamos tomar uma mão nas nossas e percorrê-la. Sentir a rugosidade, ou a suavidade, da pele. Sentir-lhe as cicatrizes. O volume das veias, que por vezes se avoluma enquanto a boca fala, ou o coração palpita.

Precisamos sentir a história daquelas mãos. E precisamos que alguém sinta a história das nossas.

As mãos são feitas para estarem unidas, apertadas, entrelaçadas, umas nas outras. Nunca empunhadas umas contra as outras.

Caminhamos apressadamente rumo à Jornada Mundial da Juventude (2023). Urge estar tudo pronto. Está aí à porta.

Mas que bom seria se antes de celebrarmos a JMJ, pudéssemos celebrar interiormente uma JMF. Uma Jornada Mundial de Fraternidade. Porque precisamos ser fraternos. Não precisamos de um mundo de muros e arame farpado. Essa sociedade não pode ser a nossa!

Precisamos cultivar uma fraternidade hospitaleira de Amor, do Amor, e no Amor. As mãos de Deus são mãos hospitaleiras. São mãos que acolhem.

Precisamos que as nossas também o sejam. Porque urge, verdadeiramente, criar uma sociedade de Paz.

Porque uma mão junta-se à outra, e as duas juntas são capazes de gerar o

MEDITAR**A força de uma palavra inspirada**

O Evangelho deste domingo é inspirador: as pessoas admiram-se com as “*palavras cheias de encanto que saíam da boca de Jesus*”. Palavras que despertam assombro nelas; **palavras** diferentes que ativam as suas vidas, palavras que não deixam ninguém indiferente; palavras provocativas porque carregam o impulso do novo; palavras que incomodam porque lhes faziam perguntar por suas próprias palavras, seu modo habitual de ser e de viver...



A primeira reação dos ouvintes foi de admiração pela pessoa de Jesus e pela **sua mensagem**. Mas, rapidamente, passaram da admiração à surpresa: quem pensa ser Ele, para dizer tais coisas? «*Não é este o filho de José*»? Reduzem-no assim à sua herança natural; não haviam entendido que, dali em diante, têm à sua frente um novo Jesus, o Filho muito amado do Pai. A única razão que dão para rejeitar as pretensões de Jesus é que Ele é simplesmente mais que um do povoado, conhecido de todos.

Isto é revelador por parte do evangelista Lucas. No início de sua vida pública, **Jesus revela-se como uma presença original**, pois sendo “um entre tantos”, no entanto, a sua presença despertava perguntas, dúvidas e até incompreensões e discussões. Todo o seu povoado o via como um homem a mais, um galileu a mais.

Jesus não quis deixar o mundo como o encontrou; Ele não veio ao mundo para deixá-lo tal como estava; Jesus veio mudar as coisas e deixar-nos um mundo diferente; não um mundo com soldas e remendos, mas um mundo mais habitável. Por isso, no início de sua vida pública, Ele revela-se como uma presença diferente, apresentando a proposta de um mundo diferente.

As **palavras** de Jesus na sinagoga de Nazaré questionam, também hoje, o sentido que as nossas palavras têm; elas nos fazem tomar consciência daqueles que se sentem movidos pelas nossas palavras, nos fazem perguntar sobre a inspiração e a força das palavras que brotam do nosso interior.

Quantas palavras temos dito ou escrito hoje? Talvez tenhamos enviado um correio; ou feito um comentário no *Whatsup* ou no *blog* de um amigo; ou tenhamos conversado junto a uma mesa de bar, partilhando conselhos, trocando ideias...; ou tenhamos falado com a nossa mãe pelo telefone... Vivemos saturados de palavras.

Há **palavras que se gastam** de tanto serem usadas; há afirmações que, de tanto serem repetidas, perdem a sua força. Palavras que perdem o seu valor, caindo no terreno comum das “coisas baratas”.

A **diferença radical está** no facto de que com a **palavra** podemos cuidar, acariciar, conhecer, irradiar consolo ou amor, ser artífices de paz e sossego... Ou, podemos gerar ódios, rancor, alimentar preconceitos e julgamentos, provocar invejas, trair, dividir...

Nas “sinagogas pós-modernas” (redes sociais) temos a oportunidade de proferir palavras que ampliam a vida, elevam o outro, abrem horizontes de sentido...; elas também se revelam como o espaço onde escutar palavras oriundas de um coração e uma mente diferentes, que despertam mudanças, a busca do novo... Infelizmente, como nos tempos de Jesus, também este ambiente tem sido o local da expressão de palavras ásperas de julgamento e de indiferença, carregadas de preconceito e intolerância

Adroaldo Palaoro (Adaptado)

Recantos de uma vida

Ajuda-me, Senhor, a rezar os recantos vazios de uma vida cheia.
Vida que me dás em abundância e que renovas a cada dia.
Vida que consolas na tristeza, que acompanhas na solidão,
Que sustentas na fraqueza e que animas no cansaço.

Vida que chora, que ri, que grita e que emudece,
Vida que nem sempre compreende os Teus caminhos
E que tantas vezes hesita, tropeça e duvida.

Vida que às vezes não Te reconhece
A caminho da Emaús do orgulho e dos projetos pessoais.
Vida que, errante e desanimada, teimosamente se afasta
Da Jerusalém da Tua vontade e da generosidade do Teu amor.

Amor das surpresas e do oportuno e incisivo sentido de humor,
Amor que vem ao meu encontro, que se faz alimento no pão repartido,
Amor que se fez Palavra e que comigo faz memória
Da história que contamos juntos.

Palavra que desperta este coração “lento de espírito” (Lc 24, 25),
Que o questiona, interpela, converte e ressuscita
Das trevas sepulcrais em que, de tempos em tempos, habita.

Vida transfigurada que derramas sobre mim,
Quando contrito Te procura o meu coração.
Coração que bate assustado por ser desconfiado,
Mas que sempre encontra misericórdia e perdão,
Quando repousa reconciliado e abrasado no Teu.

Vida imperfeita, mas profundamente agradecida
Por tudo quanto me tens dado a viver.
O doce do mel e o amargo do fel ganham novo sentido
Quando contemplo a cruz da Tua paixão.

Reza comigo, Senhor, os recantos vazios de uma vida cheia,
Recantos que iluminas com a alegria pascal
Da vida que entregaste por mim.
Vida nascida numa primavera florida e que ainda tem tanto para aprender.

Raquel Dias

INFORMAÇÕES**RECEITAS**

Festa de Santo Antão, Norte Grande - 1.005,00€